

## **Intervenção da Deputada Municipal do PSD Cristina Leitão na Sessão Solene da Assembleia Municipal**

**25 de Abril de 2011**

Senhor Presidente e caros Membros da Assembleia Municipal,  
Senhor Presidente da Câmara Municipal e Senhores Vereadores,  
Caros Amigos,

Nasci em 1978. Tenho a grande felicidade de ter crescido num país onde a liberdade faz parte do quotidiano, onde é normal poder dizer o que me apetece dizer, criticar quando julgo que é meu dever criticar, protestar quando entendo que os meus direitos não estão a ser respeitados.

Como já foi comprovado por diversos estudos, grande parte das pessoas da minha geração não faz ideia daquilo que significou a data que aqui nos traz.

Na escola ficamos com uma ideia pouco concreta daquilo que foi e do que motivou a Revolução, precisamente porque temos a felicidade de não viver sob um regime que limite as liberdades essenciais.

Mas todos sentimos, em algum momento, que as nossas liberdades estão em causa. Quando se reprimem opiniões nos corredores do local de trabalho, quando a liberdade de criar é posta em causa ou quando as expectativas que entendemos justas não são cumpridas.

Sabemos, por isso, dar valor à liberdade e por isso entendo que aqueles cujas vidas foram tocadas pela limitação desse direito tão essencial sintam a necessidade de comemorar “o dia inicial inteiro e limpo”, como escreveu Sophia de Mello Breyner.

Contudo, penso que recordar a Revolução de Abril implica hoje prestar especial atenção aos sinais muito claros que nos rodeiam, de descontentamento social, de insatisfação com os poderes públicos, de descrença nos partidos e nos titulares de cargos políticos.

Recordar, nesta Assembleia Municipal, deve ser reflectir naquilo que pode ser o nosso papel, enquanto representantes eleitos pelo povo.

Parece-me, face a este descontentamento, que o essencial da nossa tarefa deve ser mostrar que a política não é apenas o que se passou no dia 25 de

Abril de 74 ou o que se passará nas eleições legislativas de 5 de Junho próximo, ou o que passa numa sessão da Assembleia ou da Câmara Municipal.

Temos de mostrar que a política não é apenas o que se passa em gabinetes ou corredores de um Ministério ou de uma Câmara Municipal, não é o burburinho de uma campanha ou as promessas vazias de um extenso programa eleitoral, nem a corrida aos lugares.

A etimologia da palavra vem do grego *politikós*, que significa “aquilo que é relativo aos cidadãos”. E a política tem de ser precisamente ouvir aquilo que os cidadãos querem e executá-lo na medida em que tal seja possível.

Temos de mostrar que terminou o tempo em que os políticos decidiam o futuro, sem ter em conta a opinião dos cidadãos. E isso tanto é verdade para o governo, como tem de ser verdade para o Município.

Quero dar-vos um exemplo muito prático desta concepção de política, como espelho da vontade dos cidadãos.

Há uns anos, a Câmara Municipal levou a cabo, aqui ao lado, no Campo da Torre, importantes obras de requalificação que custaram caro ao Município.

As pessoas não foram ouvidas e isso traduziu-se na incapacidade de compreender a realidade por parte de quem tinha o poder de decisão.

Hoje é evidente que essas obras foram num sentido errado, criaram um espaço desajustado às expectativas dos cidadãos e às necessidades da Cidade.

Neste momento está a decorrer a importante obra de limpeza do Fosso das Muralhas, que é a concretização de um trabalho de muitos anos e de todos os partidos e seguramente uma ambição de todos os cidadãos.

Seguir-se-á uma segunda fase, porventura mais importante para a imagem futura e para o planeamento urbano de Peniche.

Temos de evitar os erros do passado.

Antes de se tomarem decisões que se revelem no futuro desadequadas às expectativas – como aconteceu no caso do Campo da Torre – é fundamental que se ouçam os cidadãos, com inquéritos promovidos pela

Câmara Municipal, que dêem lugar a decisões que vão ao encontro da vontade da população.

Não sou eu, nem é o Presidente da Câmara, nem qualquer Vereador, que sabe quais são as expectativas, nem temos legitimidade para tomar uma decisão tão fundamental sem consultar as pessoas.

A liberdade conquistada em Abril de 74 é a liberdade de fazer política, e por isso tem como consequência fundamental o dever de cumprir a vontade dos cidadãos.

Ouvindo-os poderemos envolvê-los no processo de decisão, mostrar-lhes que o futuro da nossa terra passa por eles e que ninguém se pode dissociar dessa tarefa. Poderemos mesmo motivá-los a tomar parte mais activa na vida pública, através dos partidos ou das associações.

Comecei por dizer que muitas pessoas da minha geração não dão o verdadeiro valor ao que nos traz aqui. Muitos deixaram de acreditar na política e nos políticos, e dizem-no abertamente.

Mas tal como a liberdade de o dizer é de todos, também a responsabilidade por mudar o futuro é de todos.

Não basta estar descontente. É preciso participar. Não basta dizer que os políticos são todos iguais. É preciso mostrar que se quer fazer diferente. Cabe a cada um essa responsabilidade. A nós cumpre-nos motivar essa participação.

Como escreveu Zeca Afonso, “o que faz falta é empurrar a malta”, o que faz falta é dar poder à malta”.

Senhor Presidente e caros Membros da Assembleia Municipal,  
Senhor Presidente da Câmara Municipal e Senhores Vereadores,  
Caros Amigos,

O dia inicial, inteiro e limpo foi há 37 anos. Hoje somos todos responsáveis por fazer cumprir a liberdade então conquistada.

Disse.